



477.º SARAU

Theatro

Municipal

QUARTA - FEIRA,
30 DE JULHO DE 1941

Às 21 horas



EMPREZA N. VIGGIANI

Representação da peça em dois actos, de

JEAN GIRAUDOUX

pela

COMP. FRANCEZA DO "THÉÂTRE LOUIS JOUVET",
DE PARIS:

"LA GUERRE DE TROIE
N'AURA PAS LIEU"

"LA GUERRE DE TROIE N'AURA PAS LIEU"

DISTRIBUIÇÃO

(pela ordem de entrada em scena)

Andromaca	WANDA
Cassandra	MARTHE HERLIN
Uma criada	RAYMONE
Heitor	LOUIS JOUVET
Páris	PAUL CAMBO
Um Velho	RENÉ BESSON
O Geometra	MAURICE CASTEL
Priamo	ANDRÉ MOREAU
Démokos	ROMAIN BOUQUET
Hécubo	ANNIE CARRIEL
Helena	MADELEINE OZERAY
Primeiro Mensageiro ..	JACQUES-MICHEL CLANCY
Segundo Mensageiro ..	RÉGIS OUTIN
Terceiro Mensageiro ..	EMMANUEL DESCALZO
A Paz	JACQUELINE CHANTAL
Troilo	JACQUES-MICHEL CLANCY
Anéos	RENÉ DALTON
Ajax	STÉFANE AUDEL
Ulysses	ALEXANDRE RIGNAULT
Olpides	EMMANUEL DESCALZO
O Gageiro	RÉGIS OUTIN
Iris	MICHELINE BUIRE

Cenários de GUILLAUME MONIN — Vestuários de CHRISTIAN
BÉRARD — Musica de MAURICE JAUBERT.



"LA GUERRE DE TROIE N'AURA PAS LIEU"

Peça em 2 actos de Jean GIRAUDOUX

Estamos nas proximidades do anno 1770, antes de Christo, na margem asiatica do Helesponto (o famoso Dardanellos). Eleva-se ahi a poderosa cidade de Troia, que terminára victoriosamente longa refrega contra os povos da Asia Menor. Seu territorio augmentou. Os guerreiros regressaram á grande cidade, cobertos de gloria e honrarias, conduzidos por Heitor, primogenito do rei Priamo.

Os sobreviventes da guerra aspiram agora a uma paz duradoura. Nova pendencia, porém, se esboça: o jovem e turbulento principe troiano Páris raptou a bella Helena, esposa do rei grego Menelau. Toda a Grecia se une para reclamar a reparação ao ultrage. Será a guerra, de novo? — "Não, diz Heitor, não haverá logar para nova guerra!" Sabe elle agora o que vale a gloria militar, quanto de coragem e de fraqueza ha nisso que se chama heroismo e por que preço se paga a victoria. Não ha de ser por qualquer futilidade que a paz e a felicidade dos homens periguem!

Em Troia, entretanto, a opinião se agita. Os velhos, os que "com suas vozes de cigarra" encorajam os guerreiros, não concebem a possibilidade de ser o seu principe forçado a entregar a bella princeza aos gregos. Seria isso uma humilhação e, mais do que humilhação, uma humilhação nacional!! Os poetas lyricos e os cantores da gloria compõem estrophes inflammadas. A gente do povo se anima: "Queremos guardar essa linda joia estrangeira; os deuses nol-a enviaram!" E, insensatamente, com ingenuo entusiasmo, se derramam em clamores e desafios.

Heitor, porém, paciente e surdo aos insultos dos gregos e ás provocações do seu povo, prosegue na sua tarefa pacifista.

Ulysses vem á frente da embaixada grega reclamar Helena. — "Pois bem, diz Heitor, devolve-a-emos; devolve-a-emos tal como era." Iniciam-se, então, as negociações. Ulysses se dispõe a aceitar as explicações de Heitor, pois, como este, é bastante sensato para amar a guerra. Heitor acaba por convencel-o. Como, pois, poderá haver guerra, com dois conductores de povos cheios de bôa vontade pacifista? Felizes as nações que possuem taes ministros! Mas, segundo os presentimentos de Ulysses, é do proprio povo que a guerra virá!

Ulysses vae conduzir Helena ao navio que a levará de retorno á Grecia. Os quatrocentos passos que separam Troia do porto são, porém, longos e perigosos.

De repente dá-se o inevitavel: um grego é morto no momento em que attinge o navio! É o "incidente de fronteira" que de acaso só tem o ponto de explosão e que era fatal pela vontade do Destino. A guerra se desencadeia.

E será, na verdade, uma bella guerra. A lenda, que não terá sido muito modificada pela Historia, diz-nos que essa guerra durou dez annos e que, após rudes combates e após a morte do heroico Heitor, terminou pela quéda de Troia, que foi incendiada e totalmente destruida.

Giraudoux compôz sua obra dramatica, revestindo-a de poesia e de ironia, esta nem sempre amarga. Não desenvolveu uma these nem uma prédica, mas procurou, tão sómente, uma expressão de verdade humana.